

Nostalgia



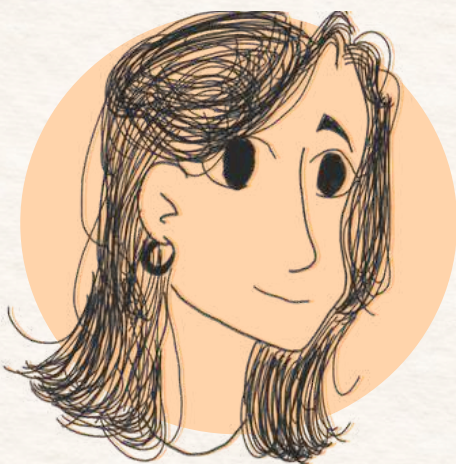


Editora-chefe
Letícia Rodrigues

De conexões cerebrais a construção de vínculos: 6
como a neurociência explica a nostalgia.



Eugênio Nogueira: 11
Um homem do passado



Repórter e fotógrafa
Ruane Barbosa

Y2K: 13
Os bugs do milênio.



Artigo de opinião 17
Capitalismo afetivo e o marketing da nostalgia

País do futebol: 20
quando a memória coletiva é quem marca o gol

Fica vai ter bolo! 26



Repórter
Júlia Farias



Resistindo ao tempo e atravessando gerações: 30
como o rádio segue sendo uma presença constante.





Quem que é Zoe Beats? 36

Entre o fone a consciência: 40

O desafio de ouvir sucessos do passado na era do cancelamento.

Entrevista 45

Lucro ou amor a nostalgia?

Lembrar é manter vivo 51

Resenha 57

O Agente Secreto e o Recife nostálgico de Kleber Mendonça

Brechós: 59

Entre memórias, resistência e novas (ou velhas) formas de vestir

Uma colher de passado e uma pitada de saudades 64



Repórter e diagramadora
Duda Ferreira



Repórter
Agatha Silva



Repórter
Izabela Cavalcanti

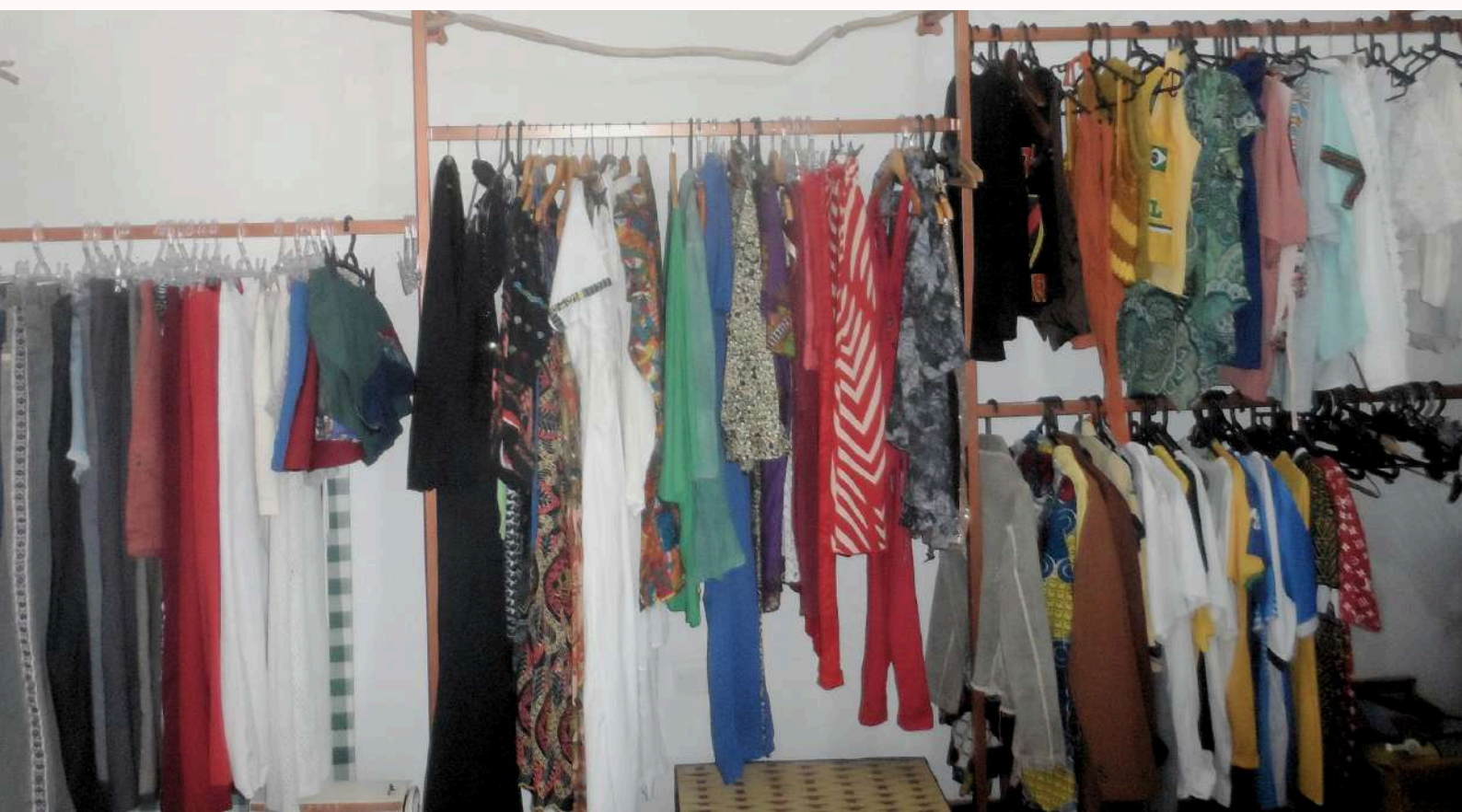


BRECHÓS: ENTRE MEMÓRIAS, RESISTÊNCIA E NOVAS (OU VELHAS) FORMAS DE VESTIR

Por Ruane Barbosa

Existe algo de íntimo em entrar em um brechó. Passear entre araras, peças bordadas à mão, etiquetas antigas e roupas que já atravessaram décadas, o garimpo parece funcionar como uma espécie de viagem no tempo. Nos últimos anos, o consumo de peças em brechó deixou de ser apenas uma alternativa econômica e se tornou uma nova tendência entre os jovens. Roupas antigas passaram a ocupar um lugar de destaque na moda contemporânea e o garimpo virou estética, conteúdo de **TikTok** e até símbolo de sustentabilidade e autenticidade.

Essa jornada cronológica começou há muito tempo. Os brechós chegaram ao Brasil em meados do século XIX, com a fundação de diversos estabelecimentos de compra e venda de produtos usados pelo comerciante português conhecido como Belchior. A dificuldade de pronunciar o nome “Casa de Belchior” acabou adaptando a expressão ao termo que conhecemos hoje.





“O BRECHÓ É UMA TECNOLOGIA SOCIAL”

Antes de ser ressignificado pelas novas gerações, o setor carregava um forte estigma no imaginário social brasileiro, sendo associado a roupas velhas, sujas ou de baixa qualidade. Para **Maria Gabrielly Dantas**, designer de moda e cofundadora do brechó Cabrochas, o boom atual é necessário, mas é fundamental compreender que o brechó opera como uma tecnologia social de subsistência e resistência.

“Hoje é cool, né? É muito legal usar brechó, mas isso tem um lugar de raça e classe. Se o brechó se popularizou hoje no Brasil, é por uma rede de mulheres de uma camada social mais baixa. Mulheres negras, mulheres de periferia, mulheres do bazar da igreja, mulheres que criaram os brechós para fazer dinheiro, mas também para vestir a própria família”, defendeu a empreendedora.

O BOOM DIGITAL

Foi a partir dessa estrutura histórica e comunitária que o mercado de usados pegou impulso para registrar, recentemente, um crescimento estrondoso. De acordo com dados divulgados pela Descarbonize Soluções, empresa especializada em sustentabilidade, as buscas online por brechós ultrapassaram 2 milhões no ano de 2024. Além disso, a procura por “brechós perto de mim” cresceu 22% entre julho de 2024 e junho de 2025.

Essa popularidade foi potencializada por vídeos de garimpo, provadores e customizações (upcycling), que acumulam milhões de visualizações nas redes sociais. A stylist e multiartista **Stephane Calado** passou a produzir conteúdo para esse nicho em 2023, e explica que esse fenômeno é movido por uma onda de nostalgia desencadeada no pós-pandemia. Para a nova geração, o garimpo se tornou uma tentativa de alinhar a busca pela própria identidade com um consumo mais consciente. “Tudo que é vintage eu sou meio obcecada. Tenho uma coleção de vestidos vintage que fui adquirindo ao longo dos anos de garimpo; são todos bordados, feitos à mão e com preço acessível, coisa que o Fast Fashion não entrega hoje em dia”, declarou.

Os brechós são espaços que realizam curadoria das peças, enquanto lugares com roupas sem seleção específica e de caráter beneficente são classificados como bazares. Segundo dados do Sebrae, são cerca de 118 mil lojas desse tipo em todo o país, e apesar da maioria trabalhar com curadorias mistas, o mercado conta com diferentes propostas estéticas e experiências de consumo.

PARA O GARIMPO PERFEITO É IMPORTANTE SABER QUE EXISTEM OS BRECHÓS:

- **Vintage:** voltados a peças que representam épocas específicas da moda, como roupas, acessórios e tecidos raros;
- **De luxo, ou label:** trabalha com itens de grifes nacionais e internacionais, que passam por processos de autenticação e higienização;
- **Gourmet, também chamado de trendy ou moderno:** funciona como uma boutique, com peças alinhadas às tendências atuais e ambientes mais sofisticados;
- **De segunda mão:** o mais tradicional é voltado para roupas do cotidiano, geralmente de marcas populares e fast fashion, com foco no custo-benefício;
- **De nicho:** voltados para públicos determinados, como moda infantil, masculina, plus size ou esportiva.

Maria Gabrielly argumenta que o último salto do consumo de brechós foi ainda mais significativo na região Nordeste devido à relação nebulosa do consumidor local com o mercado de usados, atravessada por questões de xenofobia. “‘Já é nordestino e vai ficar usando roupa velha? A gente tem que se modernizar’ por muitos anos existiu essa necessidade de provar que a nossa região não se vive refém do atraso” relata a design e completa: “A busca por autonomia do jovem nordestino vem muito desse lugar de querer liberdade para construir um vocabulário estético próprio”.

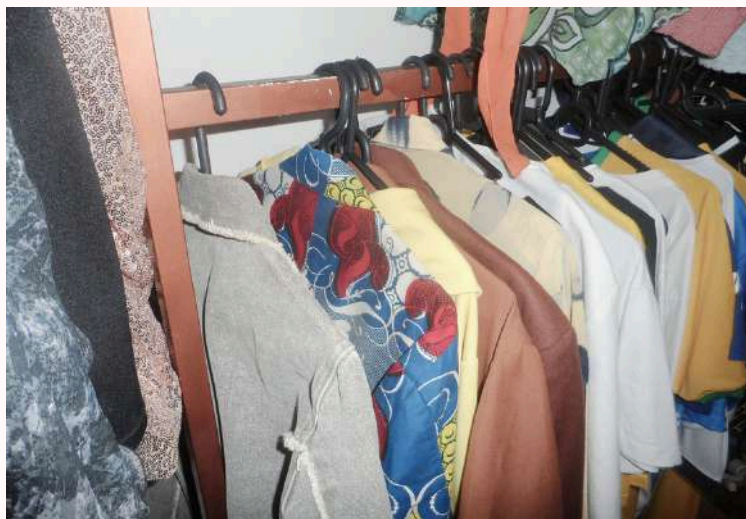
No mesmo sentido, Stephane destaca que vestir o passado é a forma mais sensível de explorar autenticidade em um mundo de produções em massa. “É uma oportunidade de criar o seu próprio estilo, tanto na produção, pegando algo e transformando em novo, quanto no garimpo de coisas que, provavelmente, você não poderia arcar financeiramente”, detalha a jovem.



UMA CÁPSULA DO TEMPO FEITA DE TECIDO

Mais do que um manifesto político de raça e classe ou uma escolha de sustentabilidade, o garimpo em brechós preserva uma função quase lúdica na vida de quem consome e trabalha nesse meio: a de guardar e resgatar afetos. Para Maria Gabrielly, cada arara esconde a oportunidade de reencontrar o passado e realizar desejos que o tempo havia deixado para trás. "No meu guarda-roupa, eu conquistei muitas peças que eu via as pessoas adultas usando na minha infância", relembra a empreendedora. Ela acrescenta que no final do ano passado, garimpou uma camisa da Pixaim, marca de streetwear que era uma relíquia famosa quando era criança. "Eu via meu irmão e meu tio usando, e eu queria muito. Hoje, ela está no topo das minhas conquistas de garimpo pessoal".

O brechó é feito de linhas temporais que conectam gerações, permitindo que o corpo de hoje vista histórias do ontem. Em um mercado guiado pela velocidade, pelo descarte e pela repetição, o garimpo se revela o avesso - marcado por uma costura invisível de memória, identidade e pertencimento. "Ainda não inventaram uma máquina do tempo que realmente te transporte no tempo, mas a roupa tem esse poder", diz Maria Gabrielly.





NOS TAL GIA

NOSTOS • ALGOS

sentimento afetivo marcado pela saudade e pela idealização de experiências, pessoas, lugares ou períodos do passado, geralmente associado a emoções de melancolia, conforto ou desejo de reviver memórias.